# Heidegger: a questão da técnica e o futuro do homem

*Gabriel de Souza Leitão*[*]

**Resumo**

O projeto "Ética e Tecnologia", com o qual colaborei nos últimos meses, teve como objetivo fazer um levantamento bibliográfico sobre o que autores como Heidegger, Gilbert Hottois e Hans Jonas discutem acerca de como o desenvolvimento tecnológico influencia as relações humanas ou ainda do impacto que esse desenvolvimento tem em nossa consciência de nós mesmos no mundo. Assim, nessa comunicação, pretendemos contribuir com a reflexão do pós-humano abordada pelo Simpósio da FAJE, apresentando brevemente alguns aspectos do pensamento heideggeriano expresso nas obras "A questão da técnica" e "Serenidade". Heidegger, ao tratar da questão técnica, apresenta seu ponto de vista de como ela influencia as relações do homem com ele mesmo e com o mundo ao seu redor. Ele o faz apresentando a essência da técnica como uma armação (*Gestell*), na qual o homem não é apenas o responsável pelo seu desenvolvimento e manutenção (da técnica), mas ele mesmo é também condicionado por ela no seu devir. Em mundo imerso no que chamamos de "novas tecnologias", marcado pelo contínuo e acelerado avanço técnico, uma revisão da essência da técnica tal como discutida por Heidegger pode também nos ajudar a continuar repensando as possibilidades de ser do Homem.

**Palavras-chave:** Heidegger, *Gestell*, Técnica, Homem, Ética.

## Introdução

O crescente avanço tecnológico tem modificado não apenas o modo como as pessoas veem o mundo ou a sua relação com ele, mas também elas mesmas. Ao longo dos tempos, isso tem influenciado a reflexão de vários pensadores sobre o que é o homem, o conhecimento ou a técnica e, como esse homem se produz ao produzir. Isto é, como o ser humano vai se dando no mundo e se reconhecendo como tal, a partir das suas próprias invenções (RÜDIGER, 2006, p.13).

Já no pós Segunda Guerra Mundial, Heidegger discutia os impactos do desenvolvimento técnico nas vidas das pessoas. Assim, em pelo menos três textos, ele refletiu diretamente a temática da técnica. Tais textos são: A "Questão da Técnica" (1953), "*Das Gestell* (ou Conferência de Bremen)" (1949) e Serenidade (1955) (LYRA, 2013, p.2).

[*] Engenheiro de Computação, Estudante de Filosofia (FAJE), FAPEMIG, gabriel.leitao@gmail.com

Heidegger utiliza o termo *Gestell* para nomear a essência da técnica. Autores como Rüdiger e Lyra, comentam o uso que Heidegger faz da palavra *"Gestell"*, no sentido de "armação, composição, enquadramento, arrazoamento, imposição, instalação, dispositivo..." (LYRA, 2013, p.2), ao falar sobre a essência da técnica e como, na verdade, ela desvela a própria existência do mundo. Segundo Lyra (2013, p.13), para Heidegger, apesar do homem ser o elemento ativo no processo, o uso do termo *Gestell* quer indicar que "o homem não está no controle desenvolvimento técnico", pois, não estaria preparado para a transformação proveniente desses avanços.

No opúsculo "Serenidade", Heidegger chega a separar o pensamento meditativo do pensamento calculador, salientando a importância do segundo, mas evidenciando ainda mais uma necessidade do primeiro para contrapor a uma perda do enraizamento das tradições (HEIDEGGER, 1994, p.7).

Nosso trabalho tem se concentrado principalmente nos textos de 1953 ("A Questão da Técnica") e de 1955 ("Serenidade"), sendo estes os textos apresentados nessa comunicação, respectivamente.

## 1. "A Questão da Técnica"

No texto "A questão da técnica", Heidegger apresenta a problemática da essência da técnica, utilizando-se da "Teoria das Causas" de Aristóteles, abordando a relação do homem moderno com a terra como dominador, apresentado a técnica como um tipo de desvelamento do mundo, entretanto, como um "desabrigamento" forçado, no sentido de que o homem desafia a Natureza para extrair e armazenar os recursos que forem demandados, mas o faz a partir do seu envolvimento com a essência da técnica, enquanto um modo de desabrigar. É nesse contexto que ele utiliza o termo *Gestell* (comumente traduzido para o português como "armação") para nomear a essência da técnica, o que a evidencia não como um meio, mas como "um modo de desabrigar" (HEIDEGGER, 2007, p.1-6).

### 1.1 A necessidade de questionar a técnica

Ao questionar a técnica, a pretensão de Heidegger é ajudar com que o homem, ao ter maior consciência do que é, tenha possibilidade de uma relação mais livre com ela. Para ele, a relação se torna livre se "abrir nossa existência (Dasein) à essência da técnica" (HEIDEGGER, 2007, p.1).

Ele afirma que, quando se pergunta sobre “o que é” a técnica, questiona-se a técnica, pois, esta pergunta remete à sua essência. Assim, Heidegger apresenta dois conceitos sobre o que é a técnica: a) meio para fins; b) fazer do homem. Para ele, esses dois conceitos estão correlacionados, pois, colocar meios para fins também é fazer humano. Assim, juntas, essas duas ideias nos dão o conceito comumente aceito da técnica, o que Heidegger chama de “determinação instrumental e antropológica da técnica” (HEIDEGGER, 2007, p.2). Segundo essa definição, somos também levados a crer que há uma relação entre o ser da técnica com o que é instrumento e também ao emprego desses instrumentos.

Para ele, a partir dessa concepção instrumental e antropológica, o que temos é que uma correta relação do ser humano com a técnica só pode acontecer se a técnica for tida como um instrumento, um meio para uma finalidade, se for dominada (HEIDEGGER, 2007, p.2). Entretanto, o que fazer caso a técnica não seja meramente um meio?

A esse questionamento, Heidegger alude que “somente onde um tal desvelamento acontece dá-se o que é verdadeiro” (HEIDEGGER, 2007, p.3). e só o que é verdadeiro é que nos permite “uma livre relação com por nos a partir de sua essência” (HEIDEGGER, 2007, p.3). Assim, para chegarmos à essência da técnica temos que nos desvencilhar da determinação instrumental da técnica (que apesar de correta não nos mostra a essência que buscamos) e tentarmos chegar ao que é verdadeiro (HEIDEGGER, 2007, p.3).

### 1.2 As causas aristotélicas e o desvelamento do ser

Ao questionar o que é o instrumental (enquanto meios e fins), Heidegger chega à ideia de causalidade e apresenta a doutrina das causas aristotélicas como “modos de comprometimento relacionados entre si”. Para tentar elucidar seu raciocínio dá o exemplo do libatório e como suas causas são, na verdade, comprometimentos de cada um dos aspectos com o libatório e também o contrário, isto é, comprometimento do libatório com os aspectos que o compõe enquanto libatório - como que um agradecimento por tais aspectos (HEIDEGGER, 2007, p.3-4).

O “comprometimento é um ocasionamento (Ver-an-lassen) no sentido de um tal deixar situar” (HEIDEGGER, 2007, p.5), que, por sua vez, é também um produzir. Assim, os quatro modos de ocasionar (causas) atuam “no seio do produzir [...] tanto o que cresce na natureza quanto o que é feito pelo artesão e pela arte” (HEIDEGGER, 2007, p.5).

Na sequencia da investigação das causas (ocasionamento), Heidegger investiga e discorre sobre o produzir de forma geral (tanto na natureza quanto na obra do artesão ou na obra de arte). Esse “produzir leva do ocultamento para o descobrimento” (HEIDEGGER,

2007, p.6), que ele também chama de “desvelamento” e que, enquanto acontecimento, está como que movido por um “desabrigar”.

Segundo Heidegger (2007, p.6), este “desvelamento”, que vem de um "desabrigar", é o que os gregos chamavam de "*alétheia*", os romanos de “*veritas*” e, nós, denominamos “verdade”. E que, ainda segundo ele, nós entendemos normalmente como representação exata de algo. Aqui, é importante recordar que, para Heidegger, a verdade de algo é que diz da essência desse algo, pois, não é a “correta determinação instrumental da técnica” que diz da essência da técnica, mas a verdade que aparece no desvelamento.

Ele insiste no fato de que a essência da técnica tem tudo a ver com o desabrigar, posto que, para ele, o desabrigar fundamenta o produzir. Seu pensamento até aqui pode ser visto na seguinte sequência: Ocasionar-produzir-desabrigar. Isto é, a partir de que determinação instrumental da técnica (meio para um fim) não nos dá a essência da técnica, percebe-se que o instrumental está ligado à causalidade, a um ocasionamento, que por sua vez, leva a um produzir e, então, ao desabrigar que é o desvelamento mesmo do que é, ou seja, a verdade.

Para ele, é esse “desabrigar que fundamenta todo produzir” (HEIDEGGER, 2007, p.6), não sendo a técnica apenas um meio, mas “um modo de desabrigar”. Essa concepção de desabrigamento leva ao âmbito da verdade e, assim, da essência da técnica ou ao desvelamento daquilo que ela é (HEIDEGGER, 2007, p.6).

### 1.3 A técnica como um desabrigar desafiante

Segundo Heidegger (2007, p.6), duas coisas importantes que precisamos ter em mente quando falamos sobre a técnica é que “*techné*” é o nome grego para tanto para o “fazer, poder manual” quanto para as “artes superiores e belas artes”. Tendo em vista que “*techné* pertence ao produzir”, então, *techné* tem também algo de poiético (que sabemos ter relação com o fazer, o fabricar, o criar).

Isso me recorda as aulas de Ética Fundamental, onde o agir humano é também uma autopoiésis, isto é, o homem se faz a si mesmo enquanto age. Nessa perspectiva, podemos dizer ainda que, o homem, ao fabricar ou simplesmente utilizar a técnica, põe-se em relação não apenas com ela, mas também consigo mesmo, no mundo e, nesse ínterim, fabrica-se também a si mesmo enquanto ser humano.

Ao investigar a essência da técnica, parece que o que Heidegger tenta compreender, tem a ver com o modo como o homem concebe-se enquanto homem, ao ser afetado pela

técnica, isto é, na sua relação com ela (o que implica também numa certa noção de liberdade transcendental diante do que é proveniente da técnica).

Outra relação feita por Heidegger é entre Técnica (*techné* - *τέχνη*) e Conhecimento (*epistéme* - ἐπιστήμη), onde, para ele, em sentido amplo, as duas palavras querem significar uma "boa compreensão de algo". Nesse momento, para ele, de um modo geral, o conhecer (tanto a *techné* quanto a *epistéme*) implica em compreender bem algo, sendo afirmado apenas que "o conhecer dá explicação", desta feita, "o conhecer [...] é um desabrigar". Assim, na Ética a Nicômaco, Aristóteles, ao distinguir esses dois modos de conhecimento, apenas explicita "como e ao quê" cada um desses modos desabriga (HEIDEGGER, 2007, p.6).

Por também desabrigar, a techné é também um modo da alétheia (da verdade, como desvelamento). Assim, a técnica moderna, para Heidegger, é também um desabrigar. Por isso, ele diferencia o desabrigar (HEIDEGGER, 2007, p.7):

1. **Levar à frente (desvelamento)** - talvez aqui esteja também presente um tipo de relação com o mundo, a terra, dentro de um Modelo de Natureza como Organismo. Aproveita-se o que a natureza oferece no seu ritmo próprio – tal como um moinho de vento.
2. **Desafiar (exploração ao extremo das capacidades da Natureza)**. Junto a isso uma visão não apenas utilitarista, mas de um Modelo de Natureza como Mecanismo. Exige-se da natureza que forneça o que se quer, extrai-se e armazena-se para ser utilizado quando aprouver – tais como as minas de carvão e minérios.

Aqui, a técnica, ao ser apresentada como um desafio, no sentido de explorar a Natureza, mostra uma postura diferente do homem com relação ao mundo, pois, nesse aspecto, explorar é diferente de agir com ela. Não é um mero utilizar-se de um movimento que naturalmente ocorre, mas é um forçar a Natureza, um tomar dela o que ela pode produzir (HEIDEGGER, 2007, p.8).

Heidegger (2007, p.8) faz uma comparação entre o modo de cultivar o campo do camponês e o modo de cultivar o campo da técnica moderna, com suas máquinas e outros produtos. O primeiro, pode-se dizer que coexiste com ela, respeita seus tempos e capacidades. Enquanto o segundo, a enxerga como um grande depósito ou fornecedora da qual se pode (ou se deve) extrair tudo quanto for demandado.

O desafiar, no sentido de extrair, tem a ver também com o colocar determinada coisa em função de outra. Assim, o carvão está em função do calor que gerará vapor, que gerará pressão, que impulsionará os motores da fábrica. Assim também uma hidroelétrica está

colocada num rio para pô-lo em função da pressão que girarão turbinas para gerar energia elétrica, que será distribuída em diversas subestações já preparadas para receber tal coisa... Em outra análise, Heidegger coloca um tipo de inversão em que não é a hidroelétrica que está posta no rio, mas o rio que foi encomendado, pelas demandas de energia elétrica, para estar posto na usina (HEIDEGGER, 2007, p.8).

O desabrigar, no sentido de desafio, aparece da seguinte maneira: explorar – transformar – armazenar – distribuir – desabrigar (HEIDEGGER, 2007, p.8). Assim, o limite da exploração parece ser apenas o limite técnico, visto que, quando uma usina hidroelétrica excede sua capacidade de produção e estocagem de água, comportas são abertas escoar a água excedente.

### 1.4 Do desabrigar desafiante à “armação”

Ao falar do desabrigar como desafio, Heidegger (2007, p.9) se utiliza da noção de subsistência para aprofundar sua reflexão. Entretanto, apresenta a subsistência não como previsão, e sim como “o modo pelo qual tudo o que é tocado pelo desabrigar desafiante se essencializa” (HEIDEGGER, 2007, p.9). Aqui, para ele, aquilo que subsiste “não nos está mais colocado diante de nós como um objeto” (HEIDEGGER, 2007, p.9). Assim, a subsistência, para Heidegger (2007, p.9), estaria ligada ao requerer e tudo o que é requerido (no sentido de desafiado), é, de certo modo, subsistência. Inclusive o homem.

Ele faz alusão à visão hegeliana da "máquina como instrumento autônomo" e diferencia que, essa visão, se tida desde o ponto de vista "do instrumento do artesão" está correta, mas a máquina, hoje, é pensada desde a "essência da técnica moderna, na qual se situa". Desse outro ponto de vista, a máquina já não é autônoma, mas é vista apenas a partir da demanda que é possível de ser requerida dela (HEIDEGGER, 2007, p.9).

Heidegger parece ir tendo uma visão funcionalista dos objetos técnicos. No ensaio "Serenidade", isso vai ficando ainda mais evidente, especialmente quando ele tenta restringir a relação do homem com os constructos tecnológicos a uma relação de meio para um fim, de uso equilibrado no sentido de ver os objetos tecnológicos como simples instrumentos separados do sujeito que apenas os utilizaria.

O homem, assim como a natureza (explicitada nos seus recursos tais como o rio, o carvão,...) é também requerido e desafiado. Se o que é visto pela subsistência (como no exemplo da máquina) é visto como não-autônoma, o homem, ao ser requisitado, então, não seria não-autônomo também? E, tal como a máquina, teria também a “sua posição unicamente a partir do requerer do que é possível de ser requerido” (HEIDEGGER, 2007, p.9)?

Para Heidegger (2007, p. 10), por ser o primeiro a ser desafiado (isto é, antes mesmo do que os recursos naturais), no que diz respeito ao requerer, “o homem nunca será uma mera subsistência”, pois, ao cultivar a técnica, ele também ocasiona o requerer, isto é, “toma parte no requerer enquanto um modo de desabrigar”.

Entretanto, o desvelamento em si não é feito pelo homem, no sentido de “mera construção humana”, mas ele (o que está descoberto) simplesmente se dá, se revela, se manifesta, ao homem. Mais ainda, o homem é convocado “por um modo de desabrigamento que o desafia a ir ao encontro” daquilo que é seu objeto de pesquisa, por exemplo, a Natureza. (HEIDEGGER, 2007, p.10)

Ao ser requisitado pela técnica, no seu desabrigar, o que o homem faz não é apenas um mero fazer, mas envolve o significado profundo que dá a si mesmo e ao mundo ao seu redor, na sua relação com este mundo (HEIDEGGER, 2007, p.10).

Por exemplo, um aplicativo de *smartphone* que precisa da colaboração de vários "usuários" não implica muito mais do que apenas a requisição feita ao homem para alimentar a base de dados de tal aplicativo. Requer, num nível, um sentido de comprometimento com o outro que também precisa de tal base de dados alimentada, um comprometimento consigo mesmo que, ao alimentar o sistema incentiva que outros também o façam... Diversos são os exemplos de *softwares* que poderíamos dar aqui para evidenciar essa requisição feita ao homem pela técnica.

Dito isto, à “invocação desafiadora que reúne o homem a requerer o que se descobre enquanto subsistência”, Heidegger (2007, p.10), chama de “armação” (que é a essência da técnica moderna – em alemão, *Gestell*).

### 1.5 A “armação” como essência da técnica moderna e perigo para o homem

Lyra (2013, p.1) afirma que a denominação dada por Heidegger à essência da técnica moderna, *Gestell*, é precária. Especialmente no que diz respeito à correspondência dessa palavra com o “estado de coisas” que ela quer significar e questionar.

Tendo isso em vista, Heidegger, resgata o *eidos* platônico como essência de tudo e de cada coisa, afirmando que não alcançamos o que realmente Platão quis dizer quando usou essa palavra (*eidos*) para descrever essa essência das coisas. Desse modo, enquanto Platão fala “do ser dos entes em geral” (LYRA, 2013, p. 2), Heidegger, com o termo Gestell, falaria do “vir-a-ser” reunido na essência da técnica. Assim, de acordo com Lyra (2013, p.2), *Gestell* quer significar “armação, composição, enquadramento, arrazoamento, imposição, instalação,

dispositivo...” e ajuda a pensar “a técnica como destino do ser” (LYRA, 2013, p. 2) (HEIDEGGER, 2007, p. 11).

Para Heidegger (2007, p.11), a “armação significa o modo de desabrigar que impera na essência da técnica”, que traz ao mesmo tempo, o desafiar e o produzir e “não é propriamente nada de técnico” (HEIDEGGER, 2007, p. 11). Assim, o homem dos tempos da técnica moderna é desafiado, no produzir, “para dentro do desabrigar”. Ele é requisitado por esse desabrigar, inclusive no seu modo de representar a natureza.

Por isso, no que diz respeito à sucessão histórica dos acontecimentos, apesar da “ciência natural matematizada” ter se dado antes da técnica moderna, segundo a interpretação heideggeriana, a primeira foi requerida pela última. Isto é, a técnica moderna como que demandou que a ciência natural matematizada surgisse antes para que, assim, pudesse entrar na história (HEIDEGGER, 2007, p. 12). Assim, para Heidegger (2007, p.12), a “moderna teoria física da natureza é a preparação, não da técnica, mas da essência da técnica moderna”.

Para ele, isso acontece porque o primordial só se manifesta no final. Tendo isso em consideração, Heidegger (2007, p.12) aprofunda seu pensamento no que diz respeito a como o requerer desafiante, próprio da técnica moderna, já estava presente e não apenas, mas ele é o que impulsionava, na nascente ciência moderna da natureza do século XVII.

Afirmando isso, Heidegger realmente inverte a concepção corrente e deixa claro que, para ele, não é a técnica moderna que surge da ciência da natureza quando esta é aplicada, mas, é a ciência moderna que está em função da técnica, pois, a essência desta última está na armação.

Assim, armação não sendo nada de técnico “é o modo segundo o qual a realidade se desabriga como subsistência” (HEIDEGGER, 2007, p.13) e, o homem, ao ser desafiado, é envolvido (por ser requerido) por esse desabrigar. Mais do que apenas requerido, é enviado por ela (a armação) num modo de desabrigar como destino, isto é, um produzir (HEIDEGGER, 2007, p.14).

Entretanto, ao atender ao requerer desafiante da armação, o homem corre o perigo de perder a si mesmo. Ele não assume mais o desafiar da armação como uma responsabilidade, mas deixa-se dominar pelo mero fazer, não “atende de modo algum ao fato de que, a partir de sua essência, ele ek-siste no âmbito de um apelo” (HEIDEGGER, 2007, p.16).

A armação, que é também um desabrigar, torna-se um perigo para o homem, pois, ela mesma, ao aparecer ao homem como destino a partir do requerer, “encobre o desabrigar enquanto tal” e, assim, encobre também a verdade. E o que deveria ser desvelado acaba por se dar encoberto (HEIDEGGER, 2007, p.16).

E já que, para Heidegger (2007, p.16), o desabrigar é um modo de ter acesso à verdade (sendo também ela mesma), “a ameaça dos homens não vem primeiramente das máquinas e aparelhos da técnica”, mas do domínio da armação que impediria o homem de olhar, ouvir..., enfim, sentir “o apelo de uma verdade mais originária”, atacando assim o homem em sua própria essência.

### 1.6 “Armação” e salvação

Para Heidegger (2007, p.17), salvar é mais do que apenas manter ou resgatar ou assegurar a permanência do que era normal e está deixando de ser... Salvar, para ele, diz também, e mais ainda, de “recolher na essência, para assim primeiramente trazer a essência a seu autêntico aparecer”. Desse modo, a armação, abriga em si, enquanto essência da técnica, não apenas o perigo, mas também “o crescimento daquilo que salva” (HEIDEGGER, 2007, p.17).

Ora, se é na essência da técnica, ou seja, na armação, que está a salvação, então, para encontrar esta salvação, faz-se necessário continuar questionando a técnica. Para enxergar na armação, enquanto essência da técnica, o que nela salva é preciso entender em que sentido a palavra "essência" está presente nela (HEIDEGGER, 2007, p.17).

Por isso, Heidegger afirma que, quando nomeamos a armação como essência da técnica, não é o tipo costumeiro de essência ao qual estamos nos referindo, pois, “a palavra ‘armação’ não designa agora nenhum objeto ou qualquer tipo de aparelho” e nem uma ideia universal de tais coisas (HEIDEGGER, 2007, p.17).

Heidegger (2007, p.17) relembra que tradicionalmente, na Filosofia, essência quer significar "o que algo é", assim expressando um caráter universal de algo, sob o qual estão as coisas reais e possíveis. Para isso, ele recorre ao exemplo de como todos os tipos de árvores estão presentes na ideia universal de árvore.

A armação é a essência da técnica enquanto destino do desabrigar, mas é essência, no sentido de como a técnica se essencializa, isto é, “armação” significa essência da técnica na medida em que, nela, é possível um descobrimento da verdade, mas, a partir de um desabrigar que permite ao homem ser participante desse desvelamento (HEIDEGGER, 2007, p.17).

Desse modo, para Heidegger (2007, p.20), a essência da técnica é também ambígua, pois, “aponta para o mistério de todo desabrigamento, isto é, da verdade”. O questionar a técnica é, então, questionar um mistério infinito (da verdade) no qual “acontecem o desabrigar e o ocultamento, onde acontece a essencialização da verdade” (HEIDEGGER, 2007, p.20).

Como dito anteriormente, a “essência da técnica não é nada de técnico” e apenas a meditação sobre a essência dela, ou melhor, apenas quando nos aproximamos mais dela (e também do perigo) é que poderemos enxergar a salvação que nela está contida.

## 2. “Serenidade” e o futuro do homem

O opúsculo Serenidade, publicado por Heidegger em 1955 é, na verdade, um discurso proferido por ele, durante as comemorações pelo centenário do compositor Conradin Kreutzer, conterrâneo do filósofo. Desse modo, ao refletir sobre a obra de arte e o artista, Heidegger aproveita a oportunidade para meditar também sobre a sociedade de seu tempo, na qual, segundo ele, o homem, já marcado pela técnica moderna, perde progressivamente o contato consigo mesmo e com o mundo ao seu redor (HEIDEGGER, 1994, p.1-7).

### 2.1 A obra de arte, o artista e a fuga do pensar

Kreutezer, por ser compositor, teve suas músicas executadas durante os festejos que o comemoravam. Para Heidegger, a mera execução da obra do autor o tornaria presente, já que, naqueles “sons está presente o artista mesmo, pois a presença do mestre na obra é a única que é autêntica” (HEIDEGGER, 1994, p.2). E, além disso, uma festa se faz com música. Entretanto, Heidegger alude ao fato de que, não basta a execução da obra para que a comemoração esteja garantida, sendo também necessário que se fale sobre o homenageado, isto é, sobre o criador de tais obras. Por isso, uma comemoração é também “uma ocasião de pensar” (HEIDEGGER, 1994, p.3).

Heidegger, então, aborda a questão de que é próprio do ser humano o pensar, isto é, as pessoas só podem *“chegar a ser pobres e inclusive carentes de pensamento porque o homem, no fundo de sua essência, possui a capacidade de pensar, possui ‘espírito e entendimento’.*” (HEIDEGGER, 1994, p.3). Nessa parte do discurso, ele distingue o pensamento meditativo do pensamento calculador.

Para ele, enquanto o meditar parte de um pensamento do significado que impera em todas as coisas enquanto são, o pensar calculador é mais determinista, organizado e como que torna o mundo um mero objeto. Assim, Heidegger acredita que o homem moderno tem fugido do pensar, mas do pensar enquanto reflexão meditativa (HEIDEGGER, 1994, p.4-5). Entretanto, apesar disso, o homem é o ser meditante e esse meditar acontece já aqui, agora, naquilo que se põe a cada um de nós a partir de onde estamos, a partir de certo enraizamento natal (HEIDEGGER, 1994, p.5-6).

## 2.2 O desenraizamento e a ciência moderna

Heidegger aborda o problema do desenraizamento das pessoas no que diz respeito à terra e às tradições. Para ele, não apenas o fenômeno da migração rumo às grandes cidades, mas também o contato com a técnica é que tem feito o homem tirar cada vez mais os pés do chão. Assim, os homens, "enfeitiçados pelo rádio e pela televisão" (HEIDEGGER, 1994, p.7), agitados e estimulados por esses meios de informação se veem mais próximos deles do que "do próprio campo em torno da casa" (HEIDEGGER, 1994, p.7) ou da "tradição do mundo em que nasceu" (HEIDEGGER, 1994, p.7).

Para ele, esse desenraizamento do homem é resultado do espírito da época em que eles estavam vivendo. Uma época em que a ciência ainda prometia a felicidade e um mundo melhor, tal como ele relata do manifesto de alguns cientistas: "A ciência, ou seja, a ciência natural moderna – é um caminho que conduz a uma vida humana mais feliz" (HEIDEGGER, 1994, p.8). Entretanto, para Heidegger, se não nos perguntarmos sobre o porquê dessa afirmação e a aceitarmos sem questionamentos não estaremos de fato pensando.

Outra questão que se põe a cerca do desenvolvimento técnico é relativa ao modo de ver a natureza, isto é, como "única estação gigantesca de combustível, em fonte de energia para a técnica e para a indústria modernas" (HEIDEGGER, 1994, p.9). Assim, para ele, a grande questão que surge, a partir da técnica, não é mais sobre onde se pode conseguir combustíveis, mas como fazer para dominar e manipular as fontes que já conhecemos (ele se referia à energia atômica).

## 2.3 Sociedade tecnológica

Em determinado trecho do seu discurso, Heidegger prevê uma aceleração constante do desenvolvimento tecnológico e uma presença cada vez maior dos dispositivos técnicos e, assim, o homem sendo influenciado pelos seus próprios equipamentos. Para ele, já naquela época, o homem havia perdido o poder de decisão sobre o avanço da técnica (HEIDEGGER, 1994, p.10).

Nesse momento, para Heidegger, haveria mais sombras do que luzes, no que diz respeito à relação do ser humano com a técnica onde, através dessa última, estaria sendo preparada uma "agressão contra a vida e a essência do ser humano, uma agressão comparada com aquela, que há bem pouco tempo, significava a explosão da bomba de hidrogênio" (HEIDEGGER, 1994, p.11). Assim, para ele, o ser humano não estaria preparado para a transformação mundial fruto do desenvolvimento técnico.

É muito evidente no texto de Heidegger uma preocupação com a pesquisa sobre energia atômica. Entretanto, atualmente, sabemos que a questão da técnica não gira mais tanto em torno disso, e sim acerca das novas tecnologias da informação que se desenvolveram a partir do advento da Internet e dos novos dispositivos eletrônicos, além, das neurociências, da robótica, e da nanotecnologia.

Apesar do pessimismo apresentado no texto heideggeriano, ele faz uma ressalva de que não adianta lutar contra a técnica, pois, "dependemos dos objetos técnicos" (HEIDEGGER, 1994, p.13). E, hoje, mais do que antes, pois, há dependência das redes de comunicação e equipamentos para trabalhar, escrever e produzir. Vale ressaltar que nossa dependência não é apenas da Internet, mas também do celular, dos computadores, da energia elétrica. Moldamo-nos enquanto sociedade, enquanto pessoas, a partir da nossa relação com o mundo e, por conseguinte, nesta época, com a tecnologia.

Para Heidegger, uma possível solução seria lidar com a técnica como instrumento e não como fim em si mesmo. Essa postura nos ajudaria a sermos livres para nos desvencilharmos dela quando quiséssemos. Desse modo, a esse "sim" e "não" simultâneo aos objetos técnicos ou ao mundo técnico, a esse permitir-lhes entrar em nosso cotidiano, mas como coisas a ser usadas e, eventualmente descartadas, Heidegger chamou de "Serenidade".

## 3. Conclusões

Para muitos, o pensamento de Heidegger acerca da técnica parece estar ultrapassado, visto que muito dele, parece ser uma contraposição à tendência atual de considerar os produtos tecnológicos como uma extensão do ser humano, ou ainda, como a própria pessoa. De certo modo, corroborando esse pensamento, posso acrescentar aqui o seguinte questionamento: como não enxergar certos artefatos tecnológicos (tais como membros biônicos, marca-passos...) como parte integrante do ser humano?

É interessante observar que, muitos desses constructos, estão integrados à pessoa mesma, modificando não apenas seu corpo físico-químico, mas sua corporeidade e, assim, o modo como ela vê o mundo e a si mesma.

Entretanto, na linha da preocupação heideggeriana sobre a liberdade do homem diante das requisições da técnica, também podemos nos questionar: num mundo em que temos usado cada vez mais ostensivamente redes sociais, *smartphones*, *tablets* e outros aparelhos "inteligentes" (alguns sistemas até auto-consertam), como evitar que desenvolvamos uma relação de dependência excessiva de tais dispositivos? Como nos entendemos enquanto pessoa num mundo em que o Mercado tenta cada vez mais nos influenciar e nos requisitar

para suas próprias demandas, a partir dos estudos dos processos físico-químicos que acontecem nos nossos corpos materiais?

Nesse segundo aspecto, talvez a preocupação de Heidegger ainda seja atual: se não formos conscientes das requisições da "armação", talvez corramos o risco de sermos aprisionados pouco a pouco num emaranhado sem fim de ilusões e nos distanciemos cada vez mais da realidade.

Penso que, de algum modo, esses questionamentos podem nos ajudar a que continuemos nos situando diante de nós mesmos no mundo, ajudando-nos na busca pelo sentido profundo da nossa existência.

**Referências**

HEIDEGGER, Martin. ***Serenidade.*** Trad.: Marcos Paulo Lopes Vieira da versão castelhana de Yves Zimmermann, publicada pelas Ediciones del Serbal, Barcelona, 1994

HEIDEGGER, Martin. ***A questão da técnica.*** Sci. stud., São Paulo, v.5,n.3, Set. 2007.

LYRA, Edgar. ***A atualidade da Gestell heideggeriana.*** *In:* Colóquio Heideggeriano. Belo Horizonte: FAJE, 2013.

RÜGIDER, Francisco. ***Martin Heidegger e a questão da técnica: Prospectos acerca do futuro do homem***. Porto Alegre: Sulina, 2006;